MARABÁ, RÉGUA E COMPASSO

Otávio Velho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este seminário me traz de volta ao Pará, e me trará de volta, inclusive, à região onde comecei o meu trabalho como aprendiz de antropólogo: o Sudeste do Pará. Para meu espanto, em dezembro estarão se completando 40 anos desde que estive pela primeira vez na região de Marabá. Sei que se trata de uma certa coincidência, mas eu só sei dizer que os antropólogos, através de seus nativos, muitas vezes têm explicações outras para coincidências como esta. Então, eu estou realmente muito feliz e muito emocionado com essa possibilidade, que considero uma grande honra, além de uma demonstração de carinho por parte dos meus colegas da Universidade Federal do Pará (UFPA) que muito me sensibiliza.

Eu gostaria de destacar a minha ligação com o Pará, que é primordial, exatamente porque tem a ver com o início da minha carreira profissional. E aí se inclui, com especial destaque, a cidade de Belém e a UFPA, sem falar do Museu Goeldi, que sempre foi, e sobretudo era, no tempo em que comecei a minha carreira, uma espécie de irmão do Museu Nacional (UFRJ). Nós tínhamos um intercâmbio muito forte, sendo que na área de antropologia éramos unidos pela figura do Eduardo Galvão, que foi do Museu Nacional e também do Museu Goeldi. E também éramos unidos por vários pesquisadores que foram, por exemplo, diretores do Museu Nacional e do Museu Goeldi. Fui sempre muito bem acolhido no Goeldi, inclusive para hospedagem em bangalô situado no interior do seu belíssimo parque.

Mas com a UFPA também existe uma ligação forte e eu gostaria de registrar um certo destaque para o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), onde, em junho de 1982, participei de duas bancas, que vou mencionar como uma espécie de registro histórico: Auriléia Gomes de Abelém (*Urbanização e remoção: por que e para quem? Estudo sobre uma experiência de planejamento nas baixadas de Belém*) e Fábio Carlos da Silva (*Frentes pioneiras e campesinato na Amazônia Brasileira*). Eu me lembro com muita força dessa participação no NAEA, que ainda era uma instituição relativamente nova. Então, falando disso, não posso deixar de mencionar a figura de Heraldo Maués, colega muito queridô, já nessa

ocasião uma das referências para a minha vinda aqui. Ele, que era orientador de uma das dissertações, me liga ao Pará de maneira muito especial, já que, como eu, foi aluno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional. Devo mencionar igualmente Jane Beltrão, a principal responsável por este evento, que será eternamente objeto da minha gratidão por ter tido essa iniciativa. Jane, que eu conheço desde os tempos em que ela era uma 'fogosa' líder estudantil, ativa nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e que conseguiu manter e transformar esse seu entusiasmo como profissional importante na área de antropologia. Queria mencionar a presença da Delma Pessanha Neves, professora visitante aqui, e que – mais uma coincidência! – foi minha primeira orientanda no Museu Nacional, no mestrado e no doutorado. Naquela época, ela não fazia pesquisa na Amazônia. De modo que é uma grande satisfação verificar que, hoje, ela tem ligações fortes aqui, como é uma grande satisfação também a sua presença neste momento tão importante para mim. Assim, eu estendo através desses colegas um agradecimento especial a todos que estão aqui, inclusive aos que vão nos acompanhar nos próximos dias em Marabá.

Falar de si mesmo, por um lado, é sempre constrangedor e, por outro, pode ser motivo de vaidade. Eu tento resolver essa situação dizendo que pretendo falar de mim mesmo – pois foi isso que foi pedido – mas que eu tento entender isso humildemente como uma espécie de pretexto. Pretexto para que possamos nos reunir e falarmos não de mim, mas dos nossos trabalhos e da antropologia que temos realizado. E eu sei da minha própria experiência institucional que, às vezes, a presença de alguém de fora da instituição serve como catalisador para certas discussões, para certas conversas, que, às vezes, no dia-a-dia, não se tem tempo de realizar. Então, eu tomo a minha presença aqui também nesse sentido de servir de pretexto, para que possamos conversar sobre outras coisas. Mal ou bem, sou uma pessoa que faz parte de uma certa geração, de uma certa orientação dentro da antropologia. Então, ao falar de mim, estou mais é falando de coisas mais gerais que eu acho que podem, eventualmente, ser de interesse para nós todos.

Não gostaria de deixar de destacar a minha relação especial com Marabá. Plagiando ou parafraseando o nosso Ministro da Cultura, Gilberto Gil, eu diria que Marabá foi que me deu “régua e compasso”. E

isso tem a ver inclusive com uma das afirmações que fiz num texto que, para mim, sinaliza como essas experiências primordiais de trabalho de campo nos marcam para o resto da vida. Eu fui muito feliz por ter podido fazer o meu trabalho de campo, que resultou numa simples dissertação de mestrado¹, nessa região, sob orientação de Roberto Cardoso de Oliveira e na companhia, na minha primeira viagem a campo, de Roque Laraia. E sei que isso me marcou para sempre.

Na verdade, certas regiões do mundo ficam conhecidas na história da antropologia pelo fato de haver um certo acúmulo, uma certa densidade de trabalhos etnográficos que foram aí realizados. Algumas regiões do México estão nesse caso. Quem trabalhou com campesinato (noção hoje problemática) deve se lembrar claramente daquelas monografias que liamos, de antropólogos americanos, produzidas num lugar chamado Tzintzuntzan. É um nome mais ou menos impronunciável para nós e que, na verdade, ficou na história da antropologia pelo fato de Robert Redfield e outros mais, quase tão míticos para nós, terem feito trabalho lá. Hoje os próprios mexicanos estão retomando esse espaço, que era um espaço americano, e fazendo o seu próprio trabalho. Creio que talvez se pudesse pensar em Marabá dessa maneira. Marabá talvez seja a nossa Tzintzuntzan. Eu vou lançar essa tese aqui por causa de todos os trabalhos que têm sido realizados lá, por várias gerações de antropólogos. E vou ter a oportunidade de me atualizar nos próximos dias vendo o que está sendo feito agora. Então, nesse sentido, o meu trabalho não foi o primeiro e não será o último. Eu sei que se continuou a fazer trabalhos por lá, trabalhos muito interessantes, como o de Gil Almeida Félix², orientando da Delma Pessanha Neves e de cuja banca de tese há cerca de dez dias, tive o prazer de participar, o que, aliás, foi uma espécie de *avant première*, para mim, dessa vinda aqui e a Marabá. Ele realizou um trabalho excelente e, para mim, foi muito boa a retomada do contato com a área através desse trabalho de um orientando da minha primeira e querida orientanda. Então, como eu disse, o meu trabalho é apenas um de muitos.

Mas, existe uma particularidade do meu trabalho que dá a ele um certo destaque nessa série da antropologia marabaense ou mesmo da antropologia brasileira e que não tem nada a ver com o seu mérito intrínseco: é o fato de que a minha dissertação de mestrado foi a primeira do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu

Nacional que, por sua vez, foi o primeiro Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Brasil, da fase, digamos assim, moderna, inaugurada a partir da segunda metade da década de 60. Nós tínhamos pós-graduações anteriores, sobretudo na USP, mas nessa fase nova da pós-graduação, o Programa do Museu foi o primeiro e, nesse Programa, essa dissertação realizada na região de Marabá foi a primeira. Então, independentemente do mérito do trabalho, isso lhe dá uma posição de certa maneira especial e confere a Marabá uma posição de destaque, devido ao fato de o primeiro trabalho dessa nova fase da antropologia brasileira ter sido realizado nessa região.

Essas observações iniciais a respeito do trabalho de campo acentuam já uma questão que eu tenho tentado colocar ultimamente: a revalorização do trabalho de campo. Esse é um ponto de vista polêmico que coloco aqui para discussão, hoje ou nos próximos dias. A universidade brasileira nos últimos tempos, com todos os seus méritos e com todas as suas proezas, inclusive, com uma extraordinária expansão em termos de escala, pagou um preço. E um dos preços que, no caso da antropologia, se pagou é que houve, a partir de um certo momento, uma espécie de *escolastização* do trabalho da antropologia através dos programas de pós-graduação que fez com que o trabalho, propriamente etnográfico, o trabalho de campo, às vezes tenha perdido a centralidade que tinha no começo. Eu, na verdade, não sou do começo, eu sou da transição entre uma fase e outra e, por isso, talvez possa fazer esta observação. Eu acho que isso também tem a ver com a nossa reunião e eu gostaria de ter a oportunidade de conversar mais a respeito. A respeito da necessidade de se revalorizar o trabalho de campo e de construir as condições para que ele possa ser realizado adequadamente, pois este é, na verdade, o cerne da nossa atividade.

Falando em coincidências, eu já mencionei que em dezembro serão 40 anos da minha primeira ida à região de Marabá. Mas existem várias coincidências e nem todas são tão felizes, porém eu não posso deixar de registrar que hoje, dia 21, está fazendo um mês da morte de Roberto Cardoso de Oliveira, meu orientador e figura querida e importantíssima da antropologia brasileira. Hoje faz um mês da morte inesperada do Roberto e até agora nós não conseguimos nos refazer dessa perda. Uma perda muito grande, não só pessoal, mas para a antropologia brasileira, como figura de

antropólogo, como figura de teórico e também como figura de organizador da antropologia brasileira, direta ou indiretamente, que era. Basta dizer, para quem não sabe, que, diretamente, ele foi fundador de três programas de pós-graduação em antropologia importantes no Brasil: o do Museu Nacional (que foi o primeiro), o da Unicamp e o da Universidade de Brasília, e que, por sua vez, tiveram uma influência muito grande na constituição da antropologia que se faz no Brasil. Eu não podia deixar de fazer esse registro. Gostaria de acentuar então que o meu trabalho veio na esteira de outros trabalhos que estavam sendo feitos. Isso talvez tenha alguma diferença em relação ao que se faz hoje, já que as próprias formulações de questões de pesquisa que me levaram a Marabá não fui eu propriamente que as propus. Tinham a ver com as questões ligadas às chamadas *frentes de expansão* da sociedade brasileira que, por sua vez, estavam associadas às frentes pioneiras. E havia uma discussão conceitual a respeito disso, o Roberto Cardoso já tendo feito um trabalho de elaboração conceitual, mas que, por sua vez, tinha seus antecedentes em Darcy Ribeiro, Leo Waibel etc. Interessante que, para a antropologia dessa época, o diálogo, a referência à geografia era muito importante. Então, eu acho que vale a pena mencionar que o Leo Waibel foi uma referência importante na formulação dessas questões.

Também acho que é importante para compararmos a antropologia das décadas de 1960 e 70 com a antropologia que se faz hoje, registrar que essa discussão tem origem na etnologia. O Roberto Cardoso era um etnólogo que tinha trabalhado inicialmente com Darcy Ribeiro no Museu do Índio, e depois se deslocou para o Museu Nacional. A questão da sociedade brasileira ou do contato com a sociedade brasileira vem do seu trabalho em etnologia. Eu acho que é interessante mencionar isso porque talvez uma das dificuldades que temos tido nos últimos tempos, e que também vale a pena conversar a respeito, é uma certa tendência, à medida que a antropologia aumenta de escala - muita gente envolvida, os números dos temas em que nós nos envolvemos também cresce muito - há uma certa tendência à subespecialização. Então, o antropólogo da religião conversa com os outros antropólogos da religião, quem trabalha com campesinato conversa com quem trabalha com campesinato, quem trabalha com índio conversa só com quem trabalha com índio. Uma certa tendência à compartimentação que sempre me incomodou. Então, é

importante mencionar que esse meu trabalho, que não era um trabalho sobre índios, tem origem na etnologia, e o Roberto Cardoso, com um conceito como esse de frente de expansão e depois com outros que ele criou que têm a ver originalmente com a etnologia como o de *fricção interétnica* e o de *colonialismo interno*, organizou as nossas questões. De certa maneira, a minha entrada para ser auxiliar de pesquisa do Roberto Cardoso se deu à medida que ele se interessou pela questão do contato e queria ter como seu auxiliar uma pessoa que não tinha formação etnológica, mas sim uma formação em sociologia, que era minha formação na graduação. A idéia original da minha ida para essa região era trabalhar, digamos assim, o lado brasileiro do contato interétnico. Era essa a questão em uma região em que já havia vários antropólogos ligados ao grupo do Museu trabalhando, como o Roque Laraia, com quem eu fui ao campo pela primeira vez. E por isso também, embora não fosse etnólogo, comecei meu trabalho de campo entre os índios Suruí [*Aikewára*].

Além do Roque Laraia, deve-se mencionar como fazendo parte do grupo do Museu Nacional que pesquisava na área, o Roberto da Matta, estudando os Gaviões e os Apinagés, o que, aliás, em matéria de continuidade de trabalho, é interessante, porque o Da Matta achava que os Gaviões iam acabar na época, e graças a Deus, eles não acabaram, e outras pessoas depois tiveram a oportunidade de continuar a estudar e a nos explicar porque eles não acabaram, como a própria Jane Beltrão. Júlio César Melatti também trabalhou nessa região, inicialmente acompanhando o Roberto da Matta. Então, eu entrei nesse bojo. Como uma espécie de desdobramento natural do trabalho dos etnólogos, surgiu essa necessidade de abordar a questão do contato, e a partir da questão do contato, a questão da sociedade brasileira que estava representada na área, o que, por sua vez, em termos ampliados, estaria nos fundamentos do projeto apresentado por Roberto Cardoso e David Maybury-Lewis que daria origem ao apoio da Fundação Ford à abertura do nosso Programa no segundo semestre de 1968.

Então, foi com esse sentido que eu fui parar em Marabá. A primeira viagem, em dezembro de 1966, foi justamente iniciada em conjunto. Nós saímos do Rio [de Janeiro] em grupo, de ônibus, para vocês terem idéia de como nós fazíamos as coisas na época. Das outras vezes eu já fui direto de ônibus do Rio [de Janeiro] para Brasília, pegando depois a

Belém-Brasília. Mas, na primeira viagem, o destino inicial foi Goiânia. Saímos eu, o Roque [Laraia] e a família Roberto da Matta (ele, Celeste e seus filhos). É interessante também essa menção para lembrar como, em 1966, não era de Brasília que se saía quando se tratava de viagem de avião para vir para o chamado Brasil Central. Era de Goiânia. Brasília ainda não polarizava. Era a chamada rota do Tocantins, um pinga-pinga, se não me engano da VASP, que ia descendo o rio Tocantins. A família Da Matta apeou em Tocantinópolis e nós, eu e o Roque [Laraia], fomos até Marabá. O Roque gostava de brincar dizendo que eu era o único sujeito que ele conhecia que tinha levado uma mijada de um piloto da Varig em pleno voo. Isso porque o Rodrigo, filho do Matta, que mais tarde ingressaria na aviação comercial, ia no meu colo e urinou. O que, aliás, é outra coincidência triste, porque o Rodrigo faleceu precocemente, uma semana depois da morte do Roberto Cardoso de Oliveira. Nós tivemos um período muito duro agora de morte, que pesou muito, e ainda está pesando bastante, mas que, de certa forma, reuniu o nosso velho grupo.

Eu trabalhei na área de Marabá realizando diversas viagens ao campo, de dezembro de 1966 até janeiro de 1972. Depois dessa época eu não deixei a problemática, mas me desloquei para outra região. Uma das diferenças que me parece hoje que se está vivendo na região de Marabá, pelo que eu vi através da dissertação do Gil Almeida Félix, é que, nessa época, era relativamente homogênea a origem das pessoas que migravam para a área, uma parte considerável vinda dos chamados vales úmidos do Maranhão, seguidamente como produto de uma migração intergeracional: os pais, sendo, sobretudo, do Ceará, mas os filhos em sua maioria já tendo nascido no Maranhão. Daí migravam para o Pará, donde meu interesse a partir desse trabalho em Marabá de ir pesquisar nos vales úmidos com um grupo de alunos. Então, na década de 70, estive mais voltado para o Maranhão, de onde vinham essas pessoas que eu tinha encontrado na região de Marabá. Desse trabalho, surgiram duas dissertações do Museu Nacional, ambas tendo sido publicadas e sendo referências para alguns de vocês: a da Leonarda Musumeci³, que ganhou inclusive o prêmio da Anpocs, e a do Luís Eduardo Soares⁴, cujo autor depois se notabilizou em outros campos, mas que começou trabalhando no Maranhão sobre uma comunidade negra, uma temática, aliás, que na época não era tão referida quanto é hoje e que, portanto, faz com que esse trabalho tenha uma certa

importância para as pessoas que estão trabalhando com quilombos e questões desse gênero hoje. Tive também orientandas minhas – colegas da Delma - pesquisando na região de Santarém, que eu também visitei, e que realizaram dissertações no Museu: a Maria Emília Pacheco⁵, cuja autora há muitos anos é diretora da FASE, e a Tatiana Lins e Silva⁶. E é interessante como as coisas eram mais homogêneas do que hoje: foi possível dividir o trabalho delas, a Maria Emília trabalhando com uma comunidade de oriundos do Nordeste, enquanto a Tatiana trabalhava com o pessoal da beira que ainda se identificava como paraense. Maria Emília me disse recentemente que a região onde ela trabalhou em Santarém, naquela época, quando eu a visitei no campo, está totalmente tomada pela soja, o que também seria uma outra surpresa para mim se eu voltasse a Santarém.

É interessante assinalar o caráter mais artesanal da nossa atividade então, que permitia ao orientador acompanhar mais de perto o trabalho de seus alunos. Foi justamente na volta desta viagem a Santarém pela Transamazônica que passei por Marabá pela última vez. Uma viagem feita toda de ônibus, de Santarém a São Luís do Maranhão e de lá para o Rio. Eu me lembro que numa noite nós ficamos parados na beira da estrada sem poder prosseguir por causa de um temporal. Ficamos no ônibus totalmente fechados a noite toda e depois tivemos que parar numa beira de rio para atravessar de balsa. Pernoitei em Marabá. Acredito que isso tenha sido em 1979. Já aí dava para perceber algumas mudanças na cidade de Marabá. Deu para verificar que a pensão da dona Zezé, onde eu costumava ficar, cuja atração principal era “A imunda”, uma fétida privada que era usada por todos e que de forma geral era imunda porque não havia água, fora substituída por um hotel de uma senhora da família Mutran.

Os nossos alunos, hoje, quando têm que se deslocar, em geral querem logo saber como é que vai ser o avião [risos]. Nessa época, avião era exceção. Havia até uma certa curtição porque isso era parte de um *ethos* próprio, um *ethos* de sertanista, por assim dizer, quase como o de um *Indiana Jones*. Exatamente isso que pode ser considerado equivocado do ponto de vista da posição do antropólogo, no entanto dava uma certa dinâmica, uma certa motivação. Acho que há uma certa tendência, hoje, de a formação do antropólogo ser cada vez mais intelectualista e teórica, e esse tipo de *ethos* eu acho que vai se perdendo. Então, essa foi a última vez em

que eu estive em Marabá. Portanto, realmente é uma grande emoção esse retorno.

Há um ponto referente ao meu trabalho de campo na região de Marabá que pode ser apresentado como uma curiosidade, mas que eu acho também que cada um pode elaborar em termos de uma discussão da própria natureza do trabalho antropológico. É que coincide quase que exatamente com a minha presença na região de Marabá, e particularmente nessa sub-região de São Domingos do Araguaia onde concentrei a minha pesquisa, algo que eu não tinha a menor idéia que estava acontecendo, que era a preparação do movimento guerrilheiro dito do Araguaia. Creio que vale a pena mencionar isso, e eu recomendo a vocês, a propósito, a obra do Elio Gaspari a respeito do regime militar onde, no volume intitulado *A ditadura escancarada*⁷, há um capítulo, o último, “A floresta dos homens sem alma”, que é primoroso. Aprendi muito com a reconstituição que ele faz nesse capítulo do que foi o movimento guerrilheiro. Coisas que eu, que estava trabalhando na área no começo do período, ignorava, embora pudesse ser extremamente interessante no futuro comparar o relato de Gaspari com os que se possa recolher na área do conflito a partir de relatos colhidos da população. Mas a recíproca é verdadeira, sendo a reconstituição da área que ele faz nesse capítulo em boa parte com base no meu livro *Frente de expansão e estrutura agrária*. É muito interessante, para mim, esse uso do livro, fazendo reaparecer, por exemplo, a questão da Besta-Fera, que é uma discussão que eu faço no livro, mas que depois desenvolvo mais em outros textos⁸. A menção à Besta-Fera aparece no material dele e ele dá importância ao fato de eu ter mencionado isso. Segundo Gaspari, as primeiras pessoas desse movimento guerrilheiro entraram na área em 1966, no mesmo ano que eu. Mas elas teriam entrado não exatamente na mesma área, estavam numa região chamada Bico do Papagaio. Depois o próprio movimento e a repressão foram se deslocando, mas de qualquer maneira estavam entrando nessa época. E a última vez em que eu estive na área (com exceção da rápida passagem vindo de Santarém) foi em janeiro de 1972, sendo que, segundo Gaspari, foi exatamente nesta época que, através de prisões de pessoas longe da área, o governo militar teve notícia desse pessoal que estava lá, que não tinha deflagrado o movimento, mas apenas estava se implantando. Foi nessa época que o governo soube disso, que eu saí da área pela última vez. Eu saí em janeiro

de 1972 e o exército teria entrado em abril. O movimento guerrilheiro só pretendia realmente deflagrar as suas ações até o final daquele ano, mas o exército se antecipou. São Domingos, objeto de atenção especial na minha dissertação, se tornou, inclusive, um lugar importante durante a guerra, lá sendo estacionado um destacamento. São Domingos presenciou, assim, alguns dos episódios mais marcantes da repressão. Eu acho interessante mencionar esse fato não só para comungar de uma curiosidade, como eu disse, como também por colocar uma questão para nós. É interessante que, nessa mesma época, eu também tinha a minha militância política, embora não na organização que estava se implantando.

Hoje podemos dar os nomes aos bois: essa organização que estava se implantando lá era o PC do B, e eu tive uma militância no partidão, no Partido Comunista Brasileiro, e inclusive iria responder a um processo na Justiça Militar que coincidiu com a minha ida para o doutorado no exterior⁹. No entanto, em nenhum momento eu fui interrogado sobre esse assunto, mesmo respondendo a um processo na Justiça Militar. Aparentemente, em nenhum momento eles fizeram uma ligação entre o meu processo e o meu trabalho na região de Marabá. A minha pergunta é a seguinte: será que eles estavam tão bem informados que sabiam que eu não tinha nada a ver com isso, ou simplesmente não cruzaram as informações? Nós tendemos a mitificar a capacidade da repressão e sua organização, mas possivelmente não era a mesma burocracia que cuidava dos dois assuntos.

Mas o fato é que de uma maneira ou de outra o clima que se vivia e o meu envolvimento também tiveram a ver, juntamente com os motivos acadêmicos, para eu ir acabar fazendo o meu doutorado na Universidade de Manchester, com bolsa da Fundação Ford. Pouco tempo depois da partida foi decretada a minha prisão preventiva. Manchester era uma referência importante para a antropologia na época porque abrigava aquilo que se denominava a chamada Escola de Manchester, cuja referência principal era Max Gluckmann, com quem eu fiz curso (o último que ele ministrou) e de quem acabei me aproximando em termos mais pessoais por compartilharmos a mesma psicanalista. Mas havia também outras pessoas, como o Clyde Mitchell, de quem guardo uma carta dirigida aos meus juízes militares no Brasil atestando a minha idoneidade. E o meu orientador, Peter Worsley, espírito rebelde na antropologia que muito me

influenciou e que hoje poderia ser considerado um pioneiro nas preocupações com o que viria a ser chamado “globalização”.

O fato é que, a partir dessa fase, eu não voltei mais fisicamente à área de Marabá. Mas a problemática ainda continuava muito forte para mim a partir daí, e inclusive na minha tese de doutorado que, à primeira vista, é um estudo comparativo do que seria a fronteira brasileira com outros casos históricos de fronteira; casos como o do avanço para Oeste nos Estados Unidos. Também por motivos políticos eu me interessei muito pela Sibéria, no final do século XIX e início do século XX, e pude, então, estudar esses assuntos de um modo que na época seria impossível no Brasil. Fiz curso de história da Rússia e aí eu acho que explicitarei algo que de alguma maneira já estava implícito no trabalho anterior, mas que eu acho importante provocar também para a atual discussão: a idéia de que eu não me interessava tanto pela fronteira, reificadamente, mas sim por uma espécie de antropologia *a partir* da fronteira. Creio que este tipo de olhar transversal, abduativo, sempre me acompanhou. No caso, a minha idéia era um olhar sobre o Brasil a partir da fronteira. Posteriormente (após uma autocensura inevitável na época), a tese foi publicada com o título *Capitalismo autoritário e campesinato* na coleção “Corpo e Alma do Brasil” dirigida por Fernando Henrique Cardoso¹⁰. Na verdade, é um trabalho em que tento pensar a formação brasileira a partir da fronteira, e eu acho que isso é uma idéia que eu fui elaborando mais a partir dessa época e que tem a ver com a minha posição em relação a essas questões: não era tanto o trabalho lá, mas um olhar a partir de lá que me interessava, e que eu acho que me acompanhou por muito tempo, e de certa maneira, talvez acompanhe até agora.

Os antropólogos, às vezes, passam anos faturando em cima do material de campo deles e eu continuei a faturar em cima desse material de campo para pensar questões outras, mas a partir dali. Então, nessa tese que foi publicada, eu tinha uma preocupação política muito grande. Nessa época, eu acho que boa parte de nós tinha uma preocupação política. Eu não via a vida acadêmica como um fim em si mesmo, embora, por outro lado, criticasse aqueles que tinham uma visão estritamente instrumental da vida acadêmica, o que me levou a assumir seguidamente responsabilidades institucionais. Mas o fato é que fui tentado a tirar um rendimento teórico renovado do material já colhido. Há um episódio, por exemplo, que eu

conto no *Capitalismo autoritário e campesinato*, que não está em *Frentes de expansão*, e que depois até chegou a aparecer em jornal. É material que eu colhi na região de São Domingos, a respeito de como é que foi vivida na área a inauguração em outubro de 1971 desse trecho da Transamazônica. E eu relato lá que coincidiu estar nessa época levando em Marabá um filme sobre vampiros que tinha impressionado muito as pessoas, pois no dia da inauguração da Transamazônica, na gestão do Presidente Médici, passava por São Domingos uma comitiva de carros pretos. Era um tal de passar carro preto que lá em São Domingos acabou-se por concluir que só podiam ser os vampiros. A idéia deles era de que os vampiros iam tentar atrair as crianças oferecendo balas, bombom, para levá-las. Foi uma correria tremenda, todo mundo atrás das crianças para recolhê-las, e os homens se armando. Foi uma verdadeira catástrofe, a inauguração da Transamazônica. E como no *Capitalismo autoritário e campesinato* eu estava justamente discutindo a questão do capitalismo autoritário, ou seja, a relação dessas populações com o poder e essa atitude de desconfiança e tudo mais, eu tento tirar rendimento de tudo isso. Também usei algum material num texto meu que foi publicado inicialmente na *Revista do Cebrap*, intitulado “Relativizando o Relativismo”¹¹.

No trabalho de campo, é muito importante anotar tudo o que se puder, porque o número de coisas que na hora você não acha importante e que depois eventualmente podem se tornar é muito grande. Sempre ouvimos isso na sala de aula, mas às vezes é só quando acontece conosco é que nos damos conta. Então, eu relato nesse artigo que um dia eu estava andando a cavalo lá pela mata, provavelmente coisa que hoje cada vez menos se faz na área, e aí eu encontrei uma cabana e apeei. Havia uma mulher com os filhos, e eu pedi um copo d'água. Ela me trouxe aquela água barrenta, que geralmente é o que é dado, ou era, na ocasião, e eu tomei. Mas ela acompanhou isso com um prato que me ofereceu e que aparentemente era um queijo feito por ela mesma. O queijo era um tanto quanto intragável, mas eu estoicamente comi até o final, agradeci e voltei para a minha montaria. Aí, ela que havia ficado em pé à minha frente, juntamente com as crianças, me interrompeu e disse: “moço, posso lhe fazer uma pergunta?”. Eu fui apanhado de surpresa porque justamente a timidez e a falta de interlocução era o que mais caracterizaria uma situação

como essa. E continuou: “isso que o senhor comeu aí, isso é queijo mesmo?” [risos]. Então, eu uso essa passagem nesse meu artigo, o “Relativizando o Relativismo”, para fazer uma espécie de desreificação dos conceitos, como o de cultura, por exemplo. Que cultura é essa em que a própria pessoa que supostamente é a sua portadora nativa, na verdade não tem segurança a respeito do que está fazendo? Então, eu uso isso para dar um certo rendimento teórico. Eu usei material que tinha colhido na época sem maior elaboração, a maior parte limitado a notas de pé de páginas.

O mesmo ocorreu com essa questão toda da Besta-Fera que usei para escrever um artigo publicado inicialmente na revista *Religião e sociedade*¹², e que depois foi publicado numa coletânea de artigos. Baseia-se em boa parte em material colhido na região de Marabá, mas já dando um tratamento diferente ao que dei em *Frentes de expansão*. Na época de *Frentes de expansão*, o que predominava na antropologia que eu estava fazendo era essa perspectiva, digamos assim, mais próxima das questões econômicas e da organização econômica e de alguma maneira da organização política. E eu, que não tinha tido uma formação inicial em antropologia, não tinha muita sensibilidade para as questões, digamos, mais culturais e simbólicas, o que não foi incomum na minha geração. Nesse texto da Besta-Fera, então, foi muito interessante porque eu pude pegar esse material e re-trabalhar com outro tipo de tratamento, o que, para mim, foi muito bom por um lado, mas por outro lado, também significou de alguma maneira um passo a mais num certo distanciamento em relação ao antigo trabalho que eu tinha feito. Distanciamento em parte inspirado pelos meus novos interesses.

Depois disso, eu fui atraído a trabalhar mais com outros temas, sobretudo religião, o que já transparece no texto da Besta-Fera, inclusive em termos da bibliografia de referência, por isso é que eu e o Heraldo Maués temos nos encontrado muito, nas reuniões e grupos em que se discutem essas questões. Mas também outros temas têm me interessado, como uma espécie de antropologia da ciência, que de alguma maneira é um interesse meu e dentro da antropologia da ciência, um interesse particular pela própria antropologia, uma espécie de antropologia da antropologia. Volta e meia eu escrevo textos que são meio reflexivos a respeito da antropologia, aproveitando a nossa participação observante. E a política, por sua vez, sempre se manteve como interesse, embora mudando.

Na época do meu trabalho em Marabá e até a década de 1980, os trabalhos em meio rural eram o foco de intensas discussões, que eram como que hegemônicas no âmbito das discussões políticas no Brasil. Era a partir das questões rurais que se discutia política no Brasil, e isso vinha de antes. Tanto assim que muitas vezes alguns dos nossos interlocutores nesse trabalho eram historiadores, como Alberto Passos Guimarães e Caio Prado Júnior, que eram referências importantes. De qualquer maneira, eu tentava dar, digamos assim, uma feição antropológica às discussões que já vinham de antes, que já vinham de outras áreas. Nessa época, eram muito intensas a discussão e as controvérsias nesse terreno. Mesmo dentro do Museu havia o grupo do Otávio [Velho] e o grupo do Moacir [Palmeira], embora nós fôssemos amigos e colegas desde a graduação. Eu, na verdade, cada vez mais ia me tornando um acadêmico e começou a me cansar o fato de que qualquer coisa que se dissesse era lido politicamente de modo imediato, como foi o caso numa controvérsia com o José de Souza Martins. Isso criava um certo constrangimento. Eu diria que esse foi um motivo que, de certa maneira, fez eu me afastar desse campo. Acho que outra possibilidade para explicar isso - ao lado de certa rebeldia permanente contra a tendência à compartimentação - seja um certo afastamento meu em relação ao marxismo. Eu talvez dissesse que não fui propriamente eu que me afastei de Marx, foi Marx que se afastou de mim, parafraseando Gregory Bateson falando da antropologia. Nunca foi uma briga com o marxismo, o marxismo para mim continua sendo uma referência importante. Mas a sensação de que a vida é breve e que você precisa também aprender outras coisas, buscar novos instrumentos sem se preocupar se está sendo indevidamente eclético foi forte.

Então, foi a minha vontade de experimentar outras coisas que na época já começou a se manifestar inicialmente dentro do próprio campo do marxismo. Não foi à toa que o Althusser se tornou uma referência importante, pois pretendia de alguma maneira uma renovação - mesmo que voltando às fontes - e todos nós viramos althusserianos, uns mais e outros menos. Eu até alcunhei na época uma expressão chamada "Populismo Althusseriano" para criticar alguns que estavam em outras posições que não eu, em relação à questão do campesinato e do trabalho em antropologia. O meu trabalho do doutorado também me abriu dentro do campo do marxismo com a descoberta de Trotsky. Achei-o fascinante,

não só como teórico, mas também como escritor. Então, eu comecei inicialmente a me alargar dentro do próprio campo do marxismo. Gramsci foi uma referência muito importante nessa época, e nessa vontade de alargar, mas quando eu cheguei em Gramsci comecei a pensar: aqui já está tão alargado, que não há mais necessidade de continuar a fazer referência ao marxismo. Assim, eu fui começar a ler mais, a me interessar por outras coisas numa espécie de complemento de formação um tanto extemporâneo e tardio em antropologia. Foi a vontade de querer ler mais antropologia, discutir mais antropologia, e as relações entre marxismo e antropologia sempre foram meio complicadas. Não é muito fácil esse casamento. É interessante que eu escrevi um artigo para a revista sueca *Ethnos*¹³, em que fazia um balanço das antropologias nacionais, e eu me referi à importância do marxismo no Brasil para os antropólogos. Num posfácio ao conjunto da revista, escrito por George Stocking Jr., que era um importante historiador de antropologia de Harvard, ele estranhava essa relação forte entre o marxismo e antropologia no Brasil.

Outra questão também é a seguinte: eu diria que, se na década de 70 e na de 80, o foco das discussões políticas em boa medida era o campo, isso mudou. A partir da década de 80, as questões do campo se tornaram menos centrais, na medida em que prevaleceu certa concepção de modernidade. Houve um deslocamento do centro dos debates, que só agora parece apresentar alguns sinais de uma reversão parcial, na medida em que se torna obsoleta a separação forte entre o rural e o urbano e em que se desenvolvem os movimentos sociais no campo. E como eu me colocava como interessado em estudar principalmente o nosso país, apenas e eventualmente *a partir* do meio rural e da fronteira, comecei a buscar estudar a partir de outros lugares, que não esse do meio rural, querendo assim também contestar uma certa ortodoxia. Então, até hoje eu batalho para convencer os antropólogos de que é importante tentar entender o Brasil a partir, também, da religião. Curiosamente, apesar da importância da religião no início da antropologia, há uma certa resistência a isso. É como se houvesse uma espécie de ateísmo acadêmico que faz com que, como você é ateu, tem que necessariamente desfazer ou desvalorizar a importância do tema.

É interessante, no entanto, constatar como que, em termos, por assim dizer epistemológicos, não só algumas posturas minhas parecem ter

permanecido, como também novos interesses me parecem ter a ver ainda com antigos campos de pesquisa. Isso é uma coisa que tem me marcado, que de certa forma é uma volta em espiral das “mesmas” questões; é algo que me ficou muito marcado na leitura da dissertação do Gil Almeida Félix, o orientando da Delma. É o interesse que eu acho que é desenvolvido de forma sofisticada pelo Bruno Latour pela questão das *redes*. Agora que eu andei retomando um pouco o *Frentes de expansão*, eu achei interessante como que, sem usar a palavra, de certa maneira, a minha etnografia pode ser pensada como uma descrição de redes. O que também mostra, mais uma vez, esse meu lado, entre aspas, pouco antropológico, no sentido da antropologia localizada. Eu sempre estive interessado muito mais na questão das redes, nas migrações e tudo mais. Reconstituindo redes, diacrônica e sincronicamente. Creio que isso é um caminho certo que de alguma maneira estava presente nesse meu primeiro trabalho e explica algumas das diferenças na época entre o meu trabalho e o de outros colegas. Vendo o trabalho do Gil, eu o entendi como sendo uma continuação dessa linha de constituição de redes. Redes que, tal como ele vai tratar na Marabá de hoje, do ponto de vista dos pequenos agricultores, são até internacionais, as pessoas articulando estratégias de sobrevivência que envolvem terrenos muito amplos, o que também de certa maneira faz com que eu veja, hoje, nessa volta da espiral, que não existe mais a necessidade dessa opção entre o rural e o urbano. Na época, a grande opção era: ou você vai para o rural, ou você vai para o urbano. Em matéria de quebra de barreiras, nós temos a quebra de barreiras disciplinares, como também temos a quebra de grandes barreiras que de certa maneira eram verdadeiras, mas que também estavam reificando o rural, o urbano. Eu hoje vejo, através do trabalho do Gil e do outro trabalho daqui do Maurílio Monteiro, como é que essa área é hoje absolutamente heterogênea e entrelaçada. Então eu digo que a antropologia precisa deixar de fazer afirmações positivas e unilaterais em abstrato e apostar mais na experiência do trabalho de campo, na etnografia, na descrição, nas redes. Redes cujo enfoque constitui uma espécie, digamos assim, de teoria mínima: a rede é a teoria contra a teoria, nesse sentido de uma espécie de antídoto ao excesso de teorização. A minha expectativa em relação a Marabá é um pouco de, nesse retorno, ver essas coisas e ver coisas que eu não imaginava que fossem acontecer.

No prefácio à segunda edição de *Frentes de expansão*, numa época onde a situação política já era um pouco melhor do que quando o livro foi lançado pela primeira vez, tive que situar algo que não está dito claramente no bojo do trabalho, ou seja, que se trata ali da defesa da pequena produção camponesa. De alguma maneira, você tem esse lado político não explícito no corpo do trabalho, mas que já no prefácio da segunda edição eu menciono. Mas é uma defesa um tanto quanto desesperada, porque até no próprio campo da esquerda, na época, todo mundo achava que a produção camponesa ia desaparecer. Muito pouca gente achava o contrário, tanto que, entre esses que batalhavam na direção oposta, também havia diferenças: havia aqueles que apostavam mais na lógica da unidade da produção camponesa e aqueles que apostavam mais na questão das redes, que era a minha posição. E então, pela dissertação do Gil Almeida Félix (que eu espero venha a ser publicada) - e depois eu vou querer conversar mais com vocês sobre o trabalho de vocês na área -, a pequena produção não desapareceu, embora a luta continue. E aconteceram coisas para mim insólitas, embora algumas eu mencione no último capítulo de *Frentes de expansão*, pois isso já estava sendo falado a partir da PA-70. Creio que a PA-70, que eu vi no final do meu trabalho, é que estava mais próxima das coisas que aconteceram depois, como o surgimento de uma pequena pecuária. É por isso que de alguma maneira estava anunciada ali, mas era diferente do que eu tinha visto na área de São Domingos. Então, a pecuária de leite como uma possibilidade para o pequeno produtor. Isso é uma coisa que eu não tinha visto, eu apenas anuncio essa hipótese no final do livro em função do que eu vi na PA-70. Isso é curioso, mas eu até tinha dúvida de que pudesse realmente funcionar. Creio que isso tem a ver com a questão complexa das estradas cujo efeito é por vezes paradoxal. Em Bruno Latour, a rede é uma questão que tem que ultrapassar o âmbito do humano, por isso é interessante constatar que a terra na verdade não é um ator no *Frentes de expansão*, ela é um objeto, mas não é um ator, assim como a estrada. Latour diria que a terra e a estrada *fazem fazer*, de um modo semelhante ao que desenvolveu a partir do terreno da religião com a noção do fetiche. Isso é muito importante para a ciência social hoje, esse repúdio à oposição absoluta entre o que é real e o que é construído. O que é construído também se torna real, na medida em que ele faz fazer. A estrada é construída, mas ela

faz fazer porque tem consequência, então ela passa a ser uma espécie de ator também.

Devo dizer que eu não abandonei de todo a Amazônia, porque a minha mulher é etnóloga e ela está trabalhando no Médio Purus com um grupo indígena. Então agora eu tenho indo ao Médio Purus. E é muito interessante, porque lá é uma região que (ainda) não tem estrada e até certo ponto algumas das coisas que eu historicamente vi em Marabá, eu estou vendo agora no Médio Purus.

Fica, no final, a sensação de que eu poderia ter sido melhor etnógrafo. Eu não vou ter mais tempo de fazer um trabalho de campo como eu gostaria de ter feito; tempo de voltar a ser um etnógrafo da Região de Marabá. Mas, estar na região, estar com vocês e poder contribuir para um quadro de referências em que essas distâncias entre o rural e o urbano sejam relativizadas, e em que entrem questões epistemológicas e filosóficas importantes, é para mim uma satisfação e um aprendizado. Questionar a separação cartesiana e intelectualista entre corpo e mente, que inclusive está por detrás da desvalorização do trabalho de campo a que me referi; dar o meu testemunho, sair com vocês e discutir, a partir da própria experiência, coisas que de outra maneira poderiam soar estranhas, como a possibilidade de um paradigma indiciário, de uma antropologia apofática, de uma etnografia icônica¹⁴, seria a minha maneira de contribuir para a continuação das pesquisas e de mostrar a sua relevância. Espero que este seja o primeiro de vários encontros, que certamente serão muito estimulantes para o prosseguimento das minhas próprias reflexões nesse eterno, mas sempre surpreendente para mim mesmo, movimento em espiral. Muito obrigado!

[PALMAS]

NOTAS

¹ *Frentes de expansão e estrutura agrária*. 1970. Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, posteriormente publicada por Zahar Editores.

² *Mobilidade espacial e campesinato: gestão de alternativas escassas*. 2006. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

³ *O mito da terra liberta. Colonização 'espontânea', campesinato e patronagem na Amazônia Oriental*. 1985. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁴ *Campesinato: ideologia e política*. 1981. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁵ *Formas de subordinação ao capital e circuito de comercialização; estudo de um caso numa região do Pará*. 1980. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁶ *Os curupiras foram embora: um estudo sobre a identidade social cabocla*. 1980. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁷ São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁸ *Besta-Fera: recriação do mundo - ensaios críticos de antropologia*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995. Ver também *Mais realistas do que o Rei*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

⁹ *Modes of capitalist development, peasantry and the moving frontier*. 1973. Doutorado em Sociologia, Universidade de Manchester, Inglaterra.

¹⁰ São Paulo: Difel, 1976.

¹¹ v. 29, 1991.

¹² "O cativo da Besta-Fera". In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 1987, p. 4-37.

¹³ "Through Althusserian Spectacles: Recent Social Anthropology in Brazil". In: *Ethnos*. v. 47, n. 1/2, Estocolmo, 1982, p. 133-149.

¹⁴ Ver "Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro". *Interseções*, v. 8, n. 1, julho de 2006, p. 9-26.